

Critérios para a Seleção de Fotografias a serem inseridas no Meio Digital. **Rebeca Lílian Rodrigues**

Resumo:

Parte do desenvolvimento de trabalho de conclusão de Curso na Universidade Estadual Paulista

Introdução

A Revolução Industrial no século XIX desenvolveu inúmeras inovações técnicas e tecnológicas numa sociedade em constante mudança cultural, econômica e social, sendo uma dessas inovações a fotografia que se tornou popular rapidamente. Esse novo instrumental deu lugar a uma linguagem visual que num primeiro momento teve como finalidade o registro testemunhal, para depois despertar recordações e/ou gerar conhecimento e informação.

As instituições que lidam com documentos iconográficos têm por objetivo preservar, conservar, difundir e assegurar a integridade física dos mesmos estimulando pesquisas e formando acervos (coleções e/ou fundos). Algumas se voltam para o passado, permitindo criar ou impulsionar tanto a história como a memória. Segundo Kossoy (1985, p.19) a fotografia conquista reconhecimento de valor independente, passando a autoproduzir conhecimento, renunciando à restrição de elemento complementar. Para os pesquisadores as imagens são documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como mera ilustração ao texto.

Mendes (2002) declara que primeiro, seria necessário lembrar que a fotografia enquanto mídia apresenta uma multiplicidade de manifestações, num leque vasto que se abre desde seu uso como instrumento documental ao de meio de expressão pessoal e se a leitura técnica de uma fotografia tem interpretação restrita, já o universo resultante de imagens diversificado e esse fator dificulta a inserção da fotografia como instrumento único de pesquisa.

Com o avanço da tecnologia, a Internet surgiu fazendo uma nova releitura do verso “navegar é preciso” escrito por Fernando Pessoa em referência às novas descobertas de continentes distantes. O poeta português não previu que o verbo “navegar” hoje seria designado para descobertas em mares de informações. Apesar das dificuldades de acesso às camadas mais pobres e aos que desenvolveram aversão a computadores, não se pode negar que esse meio de comunicação seja

democrático (ainda sem censura, sem hierarquia). Isso fica claro na definição a seguir:

Não está controlada nem administrada por nenhum tipo de organização ou país (embora existam algumas tentativas nesse sentido) e, por esse motivo, consegue uma situação paradoxal de anarquia organizada, que funciona. É um meio de comunicação bilateral, direto e livre, entre indivíduos e instituições públicas e privadas, que permite o intercâmbio de textos, imagens, som, vídeo, etc. A Internet converteu-se em uma vitrine dos últimos avanços tecnológicos de nosso mundo. Como veículo de comunicação, transformou a maneira de comunicar, abrindo novas possibilidades de conhecimento. Clheba (2000 apud BUESSA, 1999)

A Internet foi criada e funciona como meio alternativo de comunicação; a sua característica hipertextual deixa para trás a concepção de usuários passivos ou meros espectadores, uma vez que a comunicação não ocorre em sentido linear, o usuário traça seu próprio caminho até os conteúdos. Esse meio de comunicação, com custos relativamente baixos e de autopoder de divulgação de imagens, produtos, ou mesmo facilitador de relacionamentos entre clientes e empresas, trouxe uma nova concepção de oferecimento de produtos e serviços, apontando um novo estilo de concorrência que não impede o atendimento presencial em outros meios, mas exige formas diversificadas de atendimento on-line. Desse modo, unidades de informação se adaptaram ao uso da tecnologia auto-divulgando seus acervos intensificando sua procura pelos usuários, causando desvantagem às unidades de informações não adeptas da Internet.

Os centros de documentação oferecem seus produtos e serviços no meio digital ao dispor seus acervos e atendimento *on-line* para a consulta e localização de documentos que, antes da popularização da Internet, exigiam a locomoção a lugares distantes onde se encontrava o acervo disponível para levantamento de documentos. Em alguns casos, havia até a necessidade de autorização para visitação. A tecnologia não vai eliminar consultas diretas ou outras barreiras presenciais, mas vai direcionar buscas evitando frustrações e gastos desnecessários. Portanto, o valor de comunicação da Internet não se discute, mas é necessário saber como a inserção de fotografias tem sido realizada para contornar as dificuldades de grandes quantidades de imagens que digitalizadas têm respostas lentas e/ou incompletas. As dificuldades são notórias e é fato que as instituições formam e seguem seus próprios conceitos de representações.

Uma das principais características da disseminação da informação na Internet é a *web*, que centraliza produtos e serviços. Por esse motivo, algumas instituições

têm visto na Internet um recurso eficaz para divulgação de seus acervos e, dessa forma, têm criado páginas eletrônicas para difundir seus produtos e serviços. Para isso, na *web* disponibilizam fotografias que representem o acervo de forma sintética. Essas fotografias são assim, colocadas no novo meio eletrônico depois de digitalizadas.

Este trabalho tem intenção de suprir essa lacuna da área indagando sobre os padrões ou critérios de seleção de fotografias representativas do acervo para o meio digital

Na linha de Informação e Sociedade, a presente pesquisa, cujo tema é *Imagem e Informação*, propõem um estudo acerca dos **Critérios para a Seleção de Fotografias a serem inseridas no Meio Digital**.

Os usuários de *webs* possuem algumas preferências que são listadas abaixo:

Em uma apresentação multimídia as pessoas desejam ser surpreendidas pelo designer e pelo conteúdo, mas sobretudo querem ter liberdade de ação para escolher o conteúdo que desejam e a seqüência em que será apresentado, e esperam obter respostas instantâneas aos seus comandos. (CHLEBA, 2000, p. 38).

Essas respostas instantâneas, às vezes, apresentam entraves, pois limitações de armazenamento e/ou meios de transmissão são questões ainda delicadas. Todavia, Clheba (2000, p.29) relata que o cliente às vezes tem que aguardar alguns segundos entre um clique e outro, o que pode deixá-lo insatisfeito e até irritado.

Na adesão ao uso da Internet as instituições com acervos fotográficos não poderiam digitalizar acervos na sua totalidade e inseri-los em seus *websites*, pois imagens (fotografias) ocupam muito espaço, exigem softwares próprios que são caros, e obrigam seus usuários a possuir equipamentos de ponta. Paula Filho (2000, p.26) indica que equipamentos tecnológicos avançados apresentam resultados de buscas melhores; a consulta a material multimídia na *web*, na prática, requer conexões de velocidade média ou alta, pois a demora na busca de arquivos torna sua utilização inviável.

Ao definir as operações de processamento digital de imagens, o autor propõe a possibilidade de se reduzir o tamanho das resoluções¹.

Estas reduções servem para reduzir o tamanho dos arquivos de imagens; isto é muito importante para imagens que serão publicados na *www*, pois imagens grandes são demoradas de carregar e geralmente são visualizadas

¹ Grau de precisão que a memória digital é capaz de exibir na tela.

em resolução relativamente baixa, devido às limitações do modo gráfico usado. (PAULA FILHO, 2000, p. 132).

A seleção de um certo número de fotografias que represente o acervo da Instituição na *web* oferece uma visão do conjunto para o usuário. Souto (1998, p.112) expõe que os conceitos de valores característicos da imagem não são alterados pela tecnologia, no entanto, o conhecimento da tecnologia e o meio de comunicação são necessários para determinação da imagem a ser escolhida. O autor indica o valor da imagem visual e ainda acrescenta que a utilização da informática para manipulação da imagem tem reforçado o valor da imagem como objeto de comunicação e de informação.

Para isso, selecionamos o Arquivo Edgard Leueronh (AEL) que foi adquirido em 1974 pela UNICAMP e dispõe documentos do militante anarquista de mesmo nome. O acervo não parou de crescer e atualmente dispõe de 18 fundos e 14 coleções todas de cunho político social. A fotografia é mais um suporte dos documentos variados que o AEL administra. Até 1994, o AEL possuía 44.154 registros fotográficos de caráter político que colocava à disposição de pesquisadores interessados em temas relativos a comunismo, anarquismo, censura, etc. O AEL vem praticando a representação de fotografias mediante a seleção no acervo para a digitalização e inserção no meio digital através da linguagem HTML.

Essa pesquisa objetiva refletir sobre a importância dos meios digitais para a promoção de serviços e acervos em Unidades de Informação, mostrar e avaliar os critérios usados pelo Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) para escolha das imagens colocadas no seu *site*, representar e sintetizar os seus serviços e acervos com a finalidade de apontar um caminho viável para a seleção, essa pesquisa se propõe a preencher uma lacuna teórica sobre seleção de fotos para inserção e investigar através da análise dos critérios da estrutura formal do site, assim como o design da interface em relação com os conteúdos, por meio de entrevistas com os profissionais responsáveis pela seleção iconográfica do (AEL), com o objetivo de coletar informações sobre os fatores que determinam os critérios de escolha e a digitalização de imagens para a *web*. A partir das transcrições, análise das duas entrevistas e dados coletados no *site*, mostraremos os critérios de seleção que o AEL utiliza para escolher imagens fotográficas dos seus acervos a serem inseridas no meio digital.

O primeiro capítulo tratará da história da fotografia, o segundo capítulo dos acervos fotográficos, o terceiro capítulo trabalhará digitalização de imagens, o quarto tratará a história de Edgard Leuron e de seu arquivo assim como funcionamento e o quinto o apresentará metodologia e análise dos dados.

Acervo fotográfico análogo

Nossa sociedade valoriza a comunicação através da imagem, e isso tem se refletido nas instituições através do crescente volume de acervos que tem guarda e difusão desses documentos. O acervo pode ser organizado tendo em vista o perfil de consulente que se tem por meta, dado que esse influencia diretamente as decisões quanto aos tipos de instrumentos de pesquisa e formas de acesso ao documento. As instituições que trabalham com documentos mistos estabelecem políticas referentes na sua área de atuação da qual os documentos fotográficos devem estar em consonância com a política adotada por outras áreas.

A organização dos acervos fotográficos respeitam a especificidade que as instituições se propõe se diferenciando nas funções, finalidades e metodologias. Segundo Gonzalez ; Arillo (p.12, 2003) alguns processos são inerentes a todos os arquivos fotográficos que tenham a intenção de reutilização ou a consulta de documentos ali armazenados. São eles:

1. **coleta e aquisição das imagens** – localização de imagens em fontes externas que tenham valor informativo a especialidade do acervo.
2. **identificação** do acervo
3. **seleção e integração na coleção** – estabelecer critérios para selecionar os materiais que serão recolhidos controlando de forma racional, afim de evitar acúmulos de volumes. Machado (p. 27, 2002) distingue dois tipos de seleção:
 - **seleção de entrada** que consiste em decidir que tipo de material vai ser alocado ao arquivo.
 - **seleção retrospectiva** que define a eliminação de documentos internos com a finalidade de reduzir volume para evitar colapso do serviço de arquivo ante a impossibilidade de seguir o armazenamento e recuperação em condições aceitáveis para novas aquisições e coletas de imagens.

Além disso, devem ser aplicados (idem):

- **tratamento físico** de acordos com as especificidades dos materiais
- **registro** – numeral/legendas.

Etiquetagem para registro das operações inventariadas.

4. **Análise Documentária** – catalogação/Indexação/descrição

5. **Classificação Física**

6. **Difusão**

7. **Conservação.**

Com a valorização do documento fotográfico, muitas instituições públicas e particulares têm se preocupado em dispensar tratamento físico e documental que respeite a especificidade da fotografia. É comum arquivos fotográficos serem acondicionados e tratados juntamente com documentos textuais não recebendo nenhum tratamento específico, o que pode ser prejudicial, pois, uma das faces do tratamento específico é a conservação e preservação que tem como objetivo proporcionar maior tempo de durabilidade dos documentos fotográficos, já que esses são extremamente frágeis por possuir estrutura físico-química complexa e instável, até porque vários materiais foram utilizados ao longo da história, por isso, cabe ao profissional conhecer os processos históricos para poder tratá-los.

Fotografias de materiais mais antigos passam pela higienização de qual os materiais são submetidos à tecnologia de estabilização e consolidação para tratarem dobras, partes faltantes, fazendo reparos especiais.

De modo geral, o acondicionamento de fotografias tem a mesma definição para todas as técnicas de materiais utilizados nos documentos fotográficos. Todos eles devem estar separados fisicamente de acordo com a seqüência empregada para a identificação. É importante que a área de armazenamento seja climatizada, isso esbarra na implicação de recursos financeiros que não é possível a todas as instituições.

Um outro ponto importante ao tratamento de acervos fotográficos é a análise documentária de imagens fotográficas que é um processo que consiste na descrição dos documentos fotográficos para a recuperação, representação e disseminação da informação. Com conceitos e categorias de assunto que respondam de acordo com Machado (p. 32, 2002):

- **Técnica de produção da imagem** – como?

- **Localização da imagem no espaço em termos geográficos, ou descrição do lugar** – onde e espaço?
- **Localização da imagem no tempo histórico** – quando
- **Seres vivos** – quem?
- **Ação dos seres vivos** – o que?
- **Ambiente que os seres vivos se encontram** – onde?

Além disso, a análise documentária consiste nas seguintes fases:

Análise externa: características formais do documento que formalize a catalogação

Análise morfológica: descrição das técnicas empregadas na fotografia.

Análise de conteúdo: atributos do conteúdo através de leitura, síntese e representação do conteúdo.

Análise temática: define o tema da fotografia através de títulos pequenos.

Poucas instituições usam todas essas práticas, ou diferem as suas análises documentárias.

As características do público são, provavelmente, os pontos mais importantes a serem considerados, pois influenciaram muito a formulação dos critérios de seleção que são baseados nas especializações das instituições. A coerência será definida pela política de seleção com regras determinadas e racionais, segundo razões objetivas e predeterminadas. É claro que os profissionais envolvidos acabam empregando valores pessoais, mas tal prática não atrapalhará a eficiência do trabalho desde que não expresse idiosincrasias ou preferências pessoais.

Acreditamos que muitas das práticas indicadas pela seleção de materiais possam, também, ser aplicadas na sintetização representante do arquivo. Fazendo um paralelo através de Vergueiro (p.21, 1997) os critérios que abordam o conteúdo dos documentos subdivide fatores determinantes para a seleção de materiais.

Autoridade: escolha do material de determinado autor, editora, produtora de acordo com sua notoriedade na sociedade pautada na qualidade de suas obras.

- a seleção representativa nessa subdivisão seria determinada pelos mesmos argumentos.

Precisão: verificar se o material veicula informações falhas ou incorretas, recorrendo a especialistas caso não seja aparente.

- na seleção representativa a precisão é imposta pela escolha significativa do documento que disponha informações corretas.

Imparcialidade: que é definida como pré-requisito para a inclusão na coleção sem implicações de preconceitos particulares.

- na seleção representativa deve-se também excluir os favoritismos e preconceitos, tanto de classes, quanto de camadas da sociedade.

Atualidade: a seleção para aquisição de alguns materiais a temporalidade é decisiva.

- na seleção representativa as fotografias, geralmente, tem valor histórico, então esse tópico se torna antônimo.

Cobertura/Tratamento: a forma como o assunto é tratado, se o material é detalhado ou superficial, se aspectos importantes foram cobertos ou deixados de fora.

- na seleção representativa as fotografias também tem essa indicação como a mais eficiente.

Para **critérios que abordam a adequação ao usuário.**

Conveniência: prezar por um nível visual que seja compreensivo ao usuário.

- na seleção representativa: idem

Idioma: definir documentos de linguagem acessível aos usuários.

- na seleção representativa a imagem é a linguagem.

Relevância/Interesse: define se o documento é relevante para a experiência do usuário, sendo lhe de alguma utilidade.

- na seleção representativa as fotografias são determinadas pelos mesmos interesses que estimule o usuário a procura do acervo completo análogo.

Estilo: que as obras seguem.

- na seleção representativa também é determinante tendo em vista o usuário.

As indicações podem servir de apontamento para a prática de uma política de seleção que contribua na representação de um pequeno numero de fotografias que harmonicamente reflita no *site* o arquivo análogo.

A ampliação do universo fotográfico é continua e hoje presenciamos a inserção dos processo fotográficos digitais que tem ditado novos tratamentos fotográficos.

Digitalização de Imagens

A tecnologia vem proporcionando profundas transformações nos procedimentos de produção, transmissão e uso da informação, além disso, alterou as formas, processos e, com freqüência, nosso estilo de vida. Modificou o mundo de forma irreversível, pois segundo Lévy (1996, p.55) passou-se, portanto, da aplicação de saberes estáveis, que constituem o plano da atividade, à aprendizagem permanente, à navegação continua num conhecimento, de fato, que doravante se projeta em primeiro plano [...] a informação e o conhecimento, de fato são doravante as principais fontes de produção de riqueza e passaram a constar entre os bens econômicos primordiais, o que nem sempre foi verdade. E como a informação é parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados embora, com certeza não determinados, pelo novo meio tecnológico.

Nem todos que todos aderiram a esse meio, até porque em algumas culturas a participação presencial se faz necessário, além disso, a era digital não consegue suprir os sentidos. Mas para as pessoas inseridas nesse meio, a era digital não exige que morem perto ou até mesmo no país do local de trabalho, ou que, se precise longas viagens para se conhecer um local de turismo, ou Centro Cultural e outros. No mundo digital, as distâncias significam cada vez menos.

Do mesmo modo que o hipertexto remove as barreiras da página impressa, a era da informação vai remover a barreira da geografia. A vida digital exigirá cada vez cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade. (NEGROPONTE, 1995, p. 159)

A evolução desenvolvida pela informação, também chamada terceira onda, tem na Internet um dos maiores produtores nos últimos tempos. As pessoas de repente viram-se frente ao mundo sem fronteiras, exceto a lingüística que pode ser suprida pela imagem.

A Internet é interessante não apenas por ser apenas uma vasta e onipresente rede global, mas também como um exemplo de algo que se desenvolveu sem a presença de um projetista de plantão e que manteve um formato muito parecido com aquele dos patos voando em formação: inexistiu um comando e, até agora, todas as suas peças se ajustam de modo admirável. (NEGROPONTE, 1995, p. 173)

A Internet é um sistema de rede de computadores interconectados no mundo inteiro, ou seja, a informação viaja pela rede até ao seu destino. Foi desenvolvida para comunicação militar, mas tarde, a experiência de interconectar computadores das universidades e centro de pesquisas em diferentes pontos deu certo e passou-se a desenvolvê-la. No Brasil, as primeiras iniciativas de sua disponibilização ao público em geral começaram em 1995, desde então, não parou de expandir sua popularização. É um meio democrático aos que tem acesso a essa forma de comunicação, que foi estimulada por atingir um número ilimitado de usuários para prestar serviços com diferentes formas de atendimento que utilizam essa estrutura como ferramentas para a propagação do conhecimento e intercâmbio de informações enfatizando a velocidade. Uma das formas de utilização da Internet é a *Word Wide Web* que revolucionou a Internet por reunir interface gráfica, recursos de multimídia e hipertexto. A *Web* possibilitou a construção de páginas gráficas, que podem conter fotos, animações, vídeo e sons. Nestas páginas, as informações estão organizadas de forma hipertextual, ou seja, as páginas estão ligadas entre si, através do que chamamos de link. A *Web* é formada por milhões de lugares digitais chamados sites, onde é possível encontrar informações sobre praticamente qualquer assunto, a quantidade e variedade de opções são impressionantes. Pode-se ficar a par das últimas notícias, fazer pesquisas escolares ou buscar informações específicas que auxiliem no trabalho, etc. Outro ponto interessante, é que o usuário comum também pôde ser um gerador de informações, qualquer individuo que conheça um determinado assunto, pode criar seu próprio site, compartilhando seus conhecimentos com os outros internautas.

As Unidades de Informação não poderiam ficar de fora. Segundo o livro Verde do Programa da Sociedade da Informação “Os arquivos, bibliotecas, museus e centro de documentação cumprirão papel estratégico. Viabilizarão, para as pessoas e comunidades não diretamente conectadas, o acesso público, gratuito e assistido aos conteúdos da Internet. Reproduzirão, na Internet, a função de operar coleções de conteúdo organizados segundo metodologias e padrões de seleção e qualidade [...] é preciso facilitar o acesso aos acervos culturais nacionais. O acesso para os cidadão, à produção artística, cultural e científica de nossas instituições – bibliotecas, arquivos, museus, coleções particulares etc. – deve ser facultado em formato digital para permitir consultas de forma mais fácil e eficiente (item 5.3). Percebendo a importância dessa idéia as instituições tem investido na construção de web sites que

propagem informações e parte de seus conteúdos pelo meio digital, e para isso, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) criou a Diretrizes gerais para a construção de websites de instituições arquivísticas com o objetivo de ter um referencial básico as intuições com intuito de criar ou redefinir websites.

Segundo Negropontes, (p. 234, 1999) digitalização significa transformar uma determinada informação em seqüência ordenadas de bits capazes de serem interpretados e reproduzidos por computadores. Na utilização dos bits para a descrição de sons e imagens há uma vantagem natural em se usá-los na menor quantidade possível (até o momento). Trata-se de algo relacionado com a conservação de energia. Não obstante, o numero de bits empregados por segundo ou por centímetro quadrado guarda relação direta com a fidelidade da música ou da imagem. Em geral, o que interessa às pessoas digitalizar em altíssima resolução e, depois, utilizar uma versão de menor resolução de imagem na aplicação. A economia de bits é determinada em parte pela limitação do meio no qual são armazenados, ou através do qual são transmitidos. Bits (elemento atômico da informação) em forma de Pixel, provêm das palavras *picture* e *element* / elemento de uma imagem, é o mais pequeno elemento de uma imagem digital e contém informação acerca da luminosidade e cor. Quanto mais pixels uma imagem tiver melhor é a sua resolução e qualidade que tendem a exigir muita memória.

A digitalização especifica da fotografia, que o interesse dessa pesquisa é constituída por meio de “scanner”, equipamento que capta a imagem (fotográfica, texto, etc) convencional e converte ao meio digital. O scanner trabalha como um tradutor de linguagens, atuando como ponte de transmissão de dados, que permite modificações através de recursos que podem alterar a composição original; essa modificação é mais usada por usuários que tem intenções de utilizar a fotografia como pano de fundo a expressões pessoais. Nos Memoriais Institucionais esse tipo de modificação é pouco usual, a interferência tecnológica na imagem é provocada pelo modo de assegurar a reconstituição de imagens que recuperar os traços originais degradados pela ação do tempo, armazenagem precárias, umidades, manuseios incorretos e outros que através dos recursos tecnológicos adquirem visualização mais nítida. Vale ressaltar que esse uso da tecnologia é definido pela política institucional que determina até o quanto a tecnologia pode ou não interferir na fotografia original.

O ambiente digital faz com que o suporte físico tenha sua importância reduzida, pois a identificação do suporte original quando não está por escrito, é declarada por recursos gráficos que facilitam o reconhecimento. Diante disso, pode-se afirmar que, no meio digital, a imagem é independente de seu suporte original. Segundo Machado (p. 44, 1996) a imagem perde cada vez mais seus traços materiais, a sua corporeidade, a sua substância, para se transfigurar em alguma coisa que não existe senão em estado virtual, desmaterializada em fluxos de corrente elétrica, pois o suporte de fixação de imagem eletrônica não mostra imagens, mas sim códigos que a acessão. O meio digital expande o conceito de imagens, pois a digitalização de uma imagem não visa somente “ilustrar” sua aparência visual, mais atribuir ao signo parte das capacidades do modelo real. Isso significa que recortes da obra alteram a visão do idealizador e responsável, até porque a prática de recortes e/ou recursos gráficos caracterizam a criação de uma nova obra. E o uso da tecnologia nos ajustes de cores, reconstituições, recortes abrem uma nova discussão acerca de manipulações que alterará o conteúdo original em detrimento a reprodução que também são questionadas de acordo com as leis autorais, onde o ciberespaço é uma torre de babel. Mesmo assim, isso não é um fator inibidor, pelo contrário, o meio digital tem sido um absorvente imagético da sociedade que tem a máquina como mediadora. E essa mediação é justificada como um novo suporte.

Não é possível sentir, de modo convencional, o peso a textura de uma fotografia digital. Segundo Lopes (p.33, 1996) o usuário comum tem a ilusão visual de que a fotografia digital é um documento único indivisível, tal como um registro fotográfico.

Os benefícios que regem o uso da digitalização são o número maior de indivíduos dispersos que por meio da Internet podem conhecer um acervo, e/ou informações sobre a coleção; essa acessibilidade, aos que estão inseridos a esse meio, tende a agilizar os processos que levariam mais tempo no meio convencional, ou que reduziria o número de participantes e deixaria de influenciar outras pesquisas. Vale ressaltar que são poucos os acervos excluídos desse meio.

Com a utilização digital poderá surgir novos obstáculos aos pesquisadores contemporâneos, não apenas com relação à obsolescência rápida dos equipamentos, como também a necessidade de se manter constantemente atualizado para poder acessar as informações,

O mundo digital é muito mais flexível que o analógico, pois os sinais podem carregar consigo toda sorte de informações adicionais sobre si. Os computadores podem processar, pós processar sinais, modificar imagens. Por essa razão, o melhor é que tenhamos o menos possível a ver com a fixação arbitrária de qualquer padrão, até porque o que hoje parece lógico vai se rever absurdo amanhã. (NEGROPONTES, p. 112, 1999)

Ou seja a tecnologia da informação afetará a pesquisa histórica no futuro. O impacto social dos documentos digitais não pode ser ignorado.

Arquivo Edgard Leuenroth

A ditadura militar perseguiu e oprimiu, de forma arbitrária, os que julgaram subversivos. Documentos de conteúdo esquerdista eram censurados, destruídos ou apreendidos, entretanto na Unicamp, pesquisadores conseguiram convencer a direção da importância em se adquirir um arquivo de história social, comprando da família a coleção de documentos pessoais do militante anarquista Edgard Leuenroth em 1974. A coleção de livros, periódicos, folhetos reunidos ao longo de sua vida centralizavam sua inspiração e atuação na história do movimento operário e posição política de esquerda. Nos primeiros dez anos o arquivo não teve sua existência oficializada, mas ocultamente era abrigado e pesquisado pelos professores e dirigentes da UNICAMP que se empenhavam em defendê-lo da repressão da ditadura.

Antes do AEL não existia instituição especializada na memória dos movimentos sociais no Brasil somente as bibliotecas e arquivos governamentais tinham posse de documentos dos movimentos sociais no Brasil que podiam ser consultados por pesquisadores, mas poucos documentos ficavam acessíveis já que a ditadura militar controlava o que podia ser divulgado, assim como perseguia militantes e seus familiares que encontram meios alternativos de se conservar os documentos, alguns tendo que optar pelo exterior.

A ampliação temática ocorreu com ênfase na década de 80 compondo o acervo do AEL com diferentes fontes de documentos relacionados aos direitos humanos, a repressão da ditadura militar, pesquisas de opinião, história da cultura, e violências que com o fim da ditadura novos movimentos sociais surgiram e o arquivo pode sair da semi clandestinidade facilitando a captação de novos acervos e difusão do trabalho desenvolvido. Foi institucionalizado em 07 de agosto de 1986 através da

Portaria GR 248/86. Mas tarde com o apoio técnico do Centro de Computação (CCUEC) e da Diretoria Geral de Recursos Humanos (DGRH) buscou se qualidade na organização do acervo racionalizando os trabalhos da equipe e recursos materiais, assim em 09 de fevereiro de 1998 o AEL modificou o organograma juntamente com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas constituíram nova estrutura administrativa aprovada em deliberação CAD-26. O estatuto foi reformulado pela Portaria GR-43, publicado no D.O.E de 30-6-2001.

Os documentos mais antigos do Arquivo Edgard Leueront datam o século XIX, hoje o arquivo contém grande diversidade temática em variados suportes documentais. Quando foi criado, na intenção dos dirigentes, o AEL atenderia os pós-graduandos proporcionando pesquisas para a elaboração de teses e dissertações, mas com o acúmulo de documentos e expansão de temas outras categorias se interessaram pela consulta do arquivo, exemplos; escolas, sindicatos, jornalistas, artistas além dos alunos de graduação nas iniciações científicas.

O arquivo está localizado na cidade universitária Zeferino Vaz, e a home page: <http://www.ael.ifch.unicamp.br>. O acervo é composto por cerca de 50 fundos e coleções, com aproximadamente 48.000 documentos fotográficos, 24.000 livros, 10.000 folhetos, 280.000 documentos manuscritos, 3.600 títulos de revistas brasileiras e estrangeiras, 2.600 títulos de jornais brasileiros e estrangeiros, 1.100 postais, 2.000 cartazes, 1.300 fitas de áudio em cassete, 320 fitas de áudio em rolo, 660 fitas de vídeo, 320 películas cinematográficas, 280 mapas e 1.300 discos e continua incorporando novos fundos e coleções garantindo a preservação da memória coletiva fomentando pesquisas nas Ciências Humanas.

O AEL é aberto ao público em geral. Para isso, o usuário preenche ficha de cadastro o que lhe permite consultar a material; caso solicite material de pesquisa preencherá ficha com a descrição. As reproduções dos documentos são restritas devido à fragilidade dos documentos; fotografias são reproduzidas com o equipamento do solicitante e os negativos devolvidos.

O acervo iconográfico do AEL expressa quase dois séculos da vida social, cultural e política brasileira nos registros fotográficos originários de seus fundos e coleções, bem como imagens reproduzidas dos seus documentos impressos. Através de negativos de segunda geração e também de documentos impressos, que fazem parte da Coleção História da Industrialização (HI) a Galeria História da Industrialização apresenta imagens reproduzidas de fotografias originais, de

reproduções. Nos Fundos Voz da Unidade (VU) e Volta Redonda (VR) e nas Coleções Chico Mendes (CM) e Centro de Pesquisa e Documentação Social (CPDS) a Galeria Luiz Inácio Lula da Silva traz reproduções fotográficas. A Galeria Zilco Ribeiro são do teatro de revista da década de 50 a 60.

O arquivo começou com os documentos do movimento operário que reunia também os volumes da biblioteca do socialista italiano Antonio Piccarolo de posse do militante anarquista Edgard Leuroenth, mais tarde associou outras fontes importantes de mesmo tema como conjuntos: do fundador do Partido Comunista, Astrojildo Pereira; do dirigente comunista, Octavio Brandão; do advogado socialista, Evaristo de Moraes; do político defensor de leis trabalhistas Mauricio de Lacerda; das produções dos próprios movimentos operários e seus dirigentes: Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda; As transformações pela conjuntura nacional na década de 80 fez refletir no arquivo os temas da mudança comportamental que atingia a sociedade que debatia sobre gênero, etnia, raça e outros de acordo com os direitos humanos e democracia trazendo novos movimentos sociais

A historia cultural é representada pelo Fundo Teatro Oficina (grupo de teatro), Fundo Zilco Ribeiro (teatro de revista), Leon Hirszman (cinema brasileiro), Coleção Vieira Pontes (300 peças teatrais), Oswaldo Cordeiro (discos e revistas). Os movimentos sociais recentes podem ser estudados na Coleção Movimento Estudantil, Coleção Movimento Homossexual e Coleção Movimento Feminista.

Desse modo, o AEL nesse vinte três anos de existência tem se tornada importante fonte de pesquisa a diversas categorias de pesquisadores e profissionais por conter a memória nacional reflexo do momento político disponível em diferentes suportes.

Metodologia

Apresentando a mesma lógica de funcionamento do acervo, o site do AEL, alocado a UNICAMP, será nosso universo de pesquisa. A metodologia fundamenta-se numa pesquisa exploratória que num primeiro momento se proponha à analisar a política adotada no AEL pelo *site* que dispõe parte das fotografias representantes dos fundos e coleções do acervo original. A análise permeara nos critérios da estrutura formal, designer de interface em relação aos conteúdos, promoção de serviços *online*, periodicidade de atualizações. Nos quais o *site* assume para dispor as fotografias.

E para a compreensão do raciocínio utilizado na seleção das fotografias digitalizadas para se chegar na estrutura disponível do *site* optamos por entrevistar os profissionais diretamente responsáveis ao nosso interesse. Escolhemos a entrevista como instrumento de levantamento de informações visando minimizar resistências e, também, envolver os entrevistados, proporcionando maior grau de participação nas discussões. Entrevistaremos a profissional responsável pela seleção iconográfica do (AEL) e a organizadora e responsável pela digitalização de imagens para a web, através de perguntas abertas que reconstitua os processos desenvolvidos pelos profissionais, mapeando o trabalho desenvolvido comparando com suas opiniões individuais que, as vezes pode divergir ou acrescentar, de acordo com suas experiências individuais, o que poderia ser dificultado na exposição de forma escrita devido a minúcia, a exposição oral permite o alcance de informações que estão “guardadas” apenas na memória do entrevistado.

A partir das transcrições, análise das duas entrevistas e dados coletados no site, mostraremos os critérios de seleção que o AEL utiliza para escolher imagens fotográficas dos seus acervos à serem inseridas no meio digital.

Conclusão Parciais

Esse trabalho encontra-se na fase da coleta de entrevistas. Com a análise das entrevistas concluiremos como determinar políticas de seleção que racionalize o que hoje nos parece subjetivo.

Referências

ARAUJO, A. M.; BATALHA, C. H. M. Preservação da memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). IN: **Arquivo, Patrimônio e Memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999. p. 65-77.

AUMONT, J. **A imagem**. 7ed. Campinas: papiros, 2002.

BARTHES, R. **A câmara clara**: notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

CAMPANHA CRIS. O conceito Sociedade da informação é útil para a sociedade civil? Cidade do Conhecimento. Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/arquivo/artigos/index1002.php>> Acessado em: < 02 de setembro de 2004 >

CASTANHO, E. *Um olhar pela história da fotografia no Brasil*. **Ministério das Relações Exteriores**, 2004. Disponível em: <

<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/foto/apresent/index.htm> >. Acesso em: 22 maio 2004, 11:46.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLHEBA, M. **Marketing digital**: novas tecnologias e novos modelos de negócio. 2 ed. São Paulo: Futura, 2000.

COLLIN, S. M. H. **Dicionário de informática, multimídia e realidade virtual**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.

DOMINGUES, D. **Criação e interatividade na ciberarte**. São Paulo: Experimento, 2002.

FALAVIGNA, M. *História da Fotografia*. **Clic!o**, 2004. Disponível em: <
<http://www.clicio.com.br/interna.asp?cont=38> >. Acesso em: 04 maio 2004, 17:17.

FONSECA, M. O. Informação e direitos humanos: acesso às informações arquivísticas. *Ci. Inf.* [online]. maio/ago. 1999, vol.28, no.2, p.146-154. Disponível: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: < 28 setembro 2004>

FREUND, G. **Fotografia e sociedade**. Lisboa : Vega, 1995.

Fujifilm. **História da Fotografia**. 2004. disponível em: <
<http://www.fujifilm.com.br/comunidade/historia.asp> > Acesso em: 04 04 maio 2004, 17:10.

GONZALEZ, J. A. M.; ARILLO, J. R. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: UFPR, 2003.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, E. Fotografia, invenção do diabo! **CotiaNet**, 2004. Disponível em: <
<http://www.cotianet.com.br/photo/hist/indice.htm> > Acesso em: 04 maio 2004. 16:30.

MACHADO, A. **Máquina e imaginário**: o desafio das poéticas tecnológicas. 2ed. São Paulo: Edusp, 1996.

MACHADO, CC de A. **Análise temática de fotografias**. Marília: UNESP, 2002.

MENDES, R. **Para que servem as coleções (fotográficas)?** São Paulo: MAM, 2002

McGEE, J. V.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação.IN:** Entrevista como instrumento de pesquisa. 10ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MIGUEL, M. L. C. A fotografia como documento: uma investigação à leitura. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. V6, n 1/2 , jan/dez 1993. 121-132 p.

MONFORTE, L. G. **Fotografia pensante**. São Paulo: Senac, 1997.

MONTEIRO, L. **A Internet como meio de comunicação**: possibilidades e limitações. 2001. Dissertação (Mestrado em designer) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.

PAULA FILHO, W de P. **Multimídia**: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MARCONDES FILHO, C. **Pensar – pulsar**: cultura comunicacional, tecnologia, velocidade. São Paulo: NTC, 1996.

SOUTO, A. G. **A imagem digital e o ensino de designer**. 1998. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Uniban, São Paulo, 1998.

Terra vista. **Historia da Fotografia**. 2004. Disponível em: <
<http://www.terravista.pt/enseada/3757/historia.html>> Acesso em: 4 maio 2004, 14:10.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. Brasília: Brinquet de Lemos, 1995.